

LITERATURA GALEGA, DO PASSADO IMEDIATO
AO PRESENTE REMOTO
(uma aproximação)

CARLOS QUIROGA

Universidade de Santiago de Compostela

1. - Habitados que estamos quase à ascese budista de olhar uma fava, para ver nela uma paisagem completa, difícil nos resulta voltar de novo ao ofício aparentemente mais rústico de avaliar sacos inteiros de semente. Porque também se precisa ter levado ao dente a textura de cada variedade (mesmo da que menos se gosta), e saber do lugar que ocupa cada uma em relação às outras do mesmo horto e de cada um dos hortos ali representados, para poder falar com propriedade do conjunto reunido no saco. E isto, confesso, nunca tenho feito exaustivamente. Mesmo tratando-se de frutos que me crescem imediatamente todos à volta. Porque num sistema literário *minifundista* como o galego, que é o que vai ser tratado, cabem múltiplos matizes e uma diversificada quantidade de produtos e produtores que dificultam a síntese mais voluntariosa. Por isso me ultrapassa certo desalento prévio, agravado pela necessidade de colocar ainda imprescindíveis considerações sociológicas e comparativistas, que também devem figurar aqui, a dificultar a melhor vontade sumarial.

2. - Mas qualquer que seja o olhar exterior interessado nesta literatura vai precisar de um quadro prévio alargado por factores históricos, políticos e lingüísticos, no mínimo, para estabelecer um mapa amplo em que se compreendam os produtos e os produtores, os consumidores e as vias de consumo, da actual literatura galega, num campo literário ainda não normalizado. Por isso talvez não seja disparatado remontarmo-nos ao nascimento do bloco geo-político chamado Espanha, em que passou a integrar-se a Galiza, e à conformação dos fundamentos de um sistema literário que utilizará o castelhano como elemento unificador, deixando as culturas e as línguas periféricas numa situação de exclusão ou, quando menos, dependência, que se manteve desde então até ao presente. E ainda, como no caso galego,

frustrando a comunicação com o prolongamento natural da sua cultura, a cultura lusófona, que poderia contribuir ao diferencialismo.

Assim, convém ter em conta que aquela rica literatura galego-portuguesa medieval, correspondente a um mesmo *continuum* lingüístico (depois espalhado pelo mundo com o nome de português), não vai poder acompanhar um projecto identitário para a Galiza desde muito cedo. A unificação política da Espanha, que começa com os chamados Reis Católicos, Isabel e Fernando, reinando sobre Castela desde 1475, vai evitá-lo. Conquistada Granada, último reduto mouro, tomado pela força o reino de Navarra, e herdada a coroa de Aragão em 1479 por parte de Fernando, aparece já a Espanha actual (Portugal desvincula-se do projecto com os Braganças). Esta unificação busca apagar as diferenças, mesmo lingüísticas, sendo o castelhano a língua oficial do novo conjunto. O Reino da Galiza, que se tinha alinhado nas anteriores guerras civis e dinásticas da coroa de Castela sempre com o perdedor, vai receber um duro castigo (a famosa “doma y castración de Galicia”, em palavras do historiador dos Reis Católicos, Zurita). A nobreza galega autóctone já tivera de exilar-se ou ficara empobrecida e dizimada, substituída por outra de origem castelhana. Só os camponeses e marinheiros conservam o seu idioma como dialecto vulgar, entrando o castelhano como língua cultural.

Deste modo começa a castelhanização do português de aquém-Minho, que até perde memória da suas ligações com o outro português, o galego de além-Minho. Assim entra a Galiza no que se conhece por “Séculos Obscuros”, em que o galego é quase só língua oral. Desde o século XVI a XIX só existe algum anormal “material literário” escrito em galego apenas como forma de contraste estilístico (uns sonetos renascentistas, uns poemas de festas minervais, alguns poemas académicos, e textos políticos em prosa de inícios do XIX, devidos à invasão francesa e a discussões políticas). Todo galego que sabe escrever nesta época escreve em castelhano, e se nas Festas Minervais de 1697 aparecem escritores que usam por escrito o dialecto “galego” é por buscar esse efeito de contraste ou surpresa.

É quase nos limites entre romantismo e realismo que se inicia a renascença ou “Ressurdimento” da literatura galega. Por volta de 1850 já eram conhecidas as primeiras poesias de Camino, Anhom, Valhadares e Turnes, que podem considerar-se os primeiros frutos do novo espírito. Em 1853 aparece o primeiro livro deste Ressurdimento: *A Gaita Gallega*, de Pintos. Os iniciadores da etapa não conheciam a literatura galega medieval, e o problema da língua literária apresenta-se pleno de dificuldades. Ensaíam simultâneas ou sucessivas soluções na construção do instrumento de expressão, ora usando do coloquialismo dialectal (falas locais, preenchendo ocos com o castelhano), ora interessando-se pela fala dos seus colegas (tomando outras variantes comarcais do galego

popular, num interdialectalismo combinado), ora buscando já um galego comum supradialectal.

Os três grandes nomes que elevam o galego oral ao nível escrito da literatura são Rosalia de Castro, Curros Henriquez e Eduardo Pondal (o nosso actual Hino procede de um poema deste último). Nos finais do séc. XIX começa a conhecer-se a tradição medieval, e os escritores vêem nestes documentos vocabulário perdido e características morfológicas consideradas antes vulgares. As “Irmandades da fala” (1916), a revista “Nós” (1920), o Seminário de Estudos Galegos (1923), em que brilham nomes como Risco, Vilar Ponte ou Otero Pedraio, marcam um caminho de superação do ruralismo e evolução da língua e cultura galegas rumo à unificação e purificação descastelhanizadora. Caminho brutalmente cortado pelo golpe militar de 36. A restauração do galego literário após a Guerra Civil Espanhola de 36-39 reencontrou os velhos problemas, agravados pela demora e dificuldades que uma ditadura uniformadora em castelhano trouxe de novo. Nos anos 50 consente-se publicar alguma poesia, e nos finais da ditadura começa a haver até docentes (perseguidos) que usam o galego nas aulas. O período de transição divide Espanha em “autonomias”, uma fórmula para solucionar os diferencialismos das chamadas nacionalidades históricas (Catalunha, Euskadi e Galiza), e o galego começa a ter co-oficialidade com o castelhano ou espanhol em inícios dos 80.

3. - Eis, em traços grossos, o quadro prévio sobre o que colocar as referências ao presente. Falta ainda alguma observação sociológica e lingüística. E é que a radiação constante do espanhol sobre este território vai-se notar também no restauro da literatura galega escrita. Os poderes que controlam a norma ortográfica assumem uma inconsciente harmonia com o espanhol, acatada pelos escritores que querem ter já não visibilidade mas simples existência. A outra orientação, para o português, é perseguida mesmo desde esses novos poderes, que descobriram no controlo da norma uma fonte de lucro importante. A saúde da língua e da literatura galega, medida apenas da partir do exercício da literatura oficial, parece agora, e à luz da dramática história acima resumida, altamente optimista. Mas, não só do ponto de vista da dissidência ortográfica, o panorama é algo enganoso, como veremos.

Por um lado conseguiram-se instituições próprias e uma recuperação pública do idioma à altura do que sonharam Castela e os outros líderes políticos e intelectuais de antes da guerra civil espanhola. Mas foi uma recuperação ritual, acompanhada ao mesmo tempo por uma perda vertiginosa de falantes do galego, e num quadro sócio-político pouco aliciante para a recuperação plena. Existe uma autonomia gerida por um ex-ministro de “Información y Turismo” da época franquista e pelo PP (Partido Popular),

direita teoricamente espanholista que também governa em Madrid o Estado Espanhol, um poder político que assumiu na Galiza uma face “galega”, conseguindo imbricar-se nas estruturas caciquistas do povoamento disperso e ainda muito rural. O PP fala em galego, aliás como os outros partidos estatais que aqui procuram o voto, mas usam o idioma de um modo litúrgico, como o vestido tradicional da terra. O Partido Socialista Operário Espanhol segue a mesma orientação neste sentido, embora reclame uma postura mais “progressista”. O terceiro partido estatal, Esquerda Unida, nunca conseguiu aqui muita representação parlamentar. A terceira força política na Galiza é o BNG (Bloco Nacionalista Galego), única entidade política que conseguiu ir crescendo à medida que moderava o seu discurso independentista, e que aglutina vários partidos galeguistas de esquerda. Só nestes últimos se reconhece um compromisso real com os interesses galegos, embora os outros partidos, especialmente o PP da posição de poder, tenham vindo a aparentá-lo na cosmética da sua forma de governo.

Com estas coordenadas, a língua e a literaturas galegas reencontram os velhos problemas de antes da guerra e da ditadura, que podem ser agrupados em dois grandes tipos, um de ordem política e outro de tipo técnico. O político puro, em que não vamos aprofundar, é o antigo e resultante de estarmos inseridos dentro de uma unidade estatal chamada Espanha; o técnico refere-se à ortografia. Em 1982 foi oficializada pelo Parlamento da “Xunta” (o nosso governo autonómico) uma normativa ortográfica que utiliza os critérios e soluções do espanhol para escrever o galego. O debate de fundo não está apenas no vestido da língua, mas na postura quase filosófica e sobretudo política em relação à língua. O que se debate é se o galego normal há de constituir-se independentemente de toda influência das demais modalidades do iberorromânico atlântico ou há de tê-las dalgum jeito em conta. Ou seja, se o galego padrão há de fazer-se em contacto com o português normativo ou isolado dele.

A posição isolacionista, actualmente no poder, pretende “conservar” as “essências” do galego frente ao português. Na sua forma mais radical sustenta a opinião separatista, segundo a qual o galego e o português são línguas diferentes desde as suas origens. Em forma mais moderada, admite que existiu uma língua galego-portuguesa (ou galega primitiva) da qual a partir do século XV se desprenderam o galego moderno e o português. Desde esta postura, galego e português seriam hoje substancialmente diferentes, e para formar o galego padrão teríamos que fundar-nos no galego falado, por muito castelhanizado que apareça, e rejeitar todo lusitanismo. É um caminho que está precipitando a dialectalização do galego com respeito ao castelhano, e é o único caminho consentido para a maioria dos escritores que hoje pretendem sê-lo.

A posição reintegracionista contrária aglutina uma corrente de opinião favorável à cooperação com o português. Fechar os olhos a ele, seguindo as palavras do escritor e professor Ricardo Carvalho Calero (primeiro catedrático de galego na universidade, e formulador certo das ideias reintegracionistas), seria renunciar ao proveito de uma série de soluções codificadas para resolver os problemas do galego. Por outro lado, a exploração sistemática das diferenças que a colonização lingüística castelhana determinou no galego, seria propiciar a sua absorção pelo castelhano-espanhol. A cooperação com o português deveria favorecer a difusão dos nossos textos literários num horizonte crescentemente extenso. A reintegração do galego, em quanto for possível, no iberorromânico ocidental, a restituição do galego na sua integridade, mediante a limpeza de castelhanismos, suporia uma aproximação do português enquanto libertação da pressão do castelhano. Não se trataria nem de assumir sem mais o português nem de adoptar como galego de hoje o do século XIII. Simplesmente, o reintegracionismo supõe o razoável reingresso na comunidade lingüística a que realmente pertence o galego. É o único caminho para evitar a absorção do galego pelo hispânico central, e é o caminho que praticamos uma minoria de escritores sem visibilidade.

4. - Vamos referir-nos a partir de agora, e em percurso cronológico, ao que constitui a encruzilhada mais importante e rica da literatura galega, o último quarto do século XX, ou toda esta segunda metade, se contarmos com uma primeira fase necessariamente mais vagarosa por quase refundadora. Consideramos, claro, o mapa oficial, a literatura “visível”, mas também colocamos alguns indícios da literatura “invisível” (e creio que será a primeira vez que isto se faz), com um final afinamento geral do perfil político e lingüístico. Assim, a autonomia que se instaura em inícios dos 80 traz consequências institucionais e sociais definitivas, permitindo, entre outras coisas, que se abra um mercado de consumo ligado ao ensino e à norma ortográfica subsidiada, e em que aconteça uma certa inibição no problema da língua e da sua ortografia por parte dos autores que se beneficiam dessa abertura (suspostamente “normalizado” o uso, não haveria por que preocupar-se mais por parte de quem está realizando tal uso). É este um período excepcional em que, simplificando, três grandes grupos etários alimentam o campo literário:

a) velhos mestres, nascidos em princípios de século, que acabam aqui o seu périplo vital, como Eduardo Blanco-Amor, Rafael Dieste, Álvaro Cunqueiro, Carvalho Calero, Jenaro Marinhas;

b) escritores novos, participantes na recuperação cultural dos anos cinquenta e sessenta, que agora apresentam as suas obras já maduras: Bernardino Graña, Manuel María, Uxío Novoneyra, X.L. Méndez Ferrín, María Xosé Queizán, Antón Avilés de Taramancos, Camilo Suárez Llanos, X.L. Franco Grande, Xohana Torres;

c) escritores mais novos, que se estreiam em oitenta e noventa, com tendências múltiplas e diversas, atentos à diversidade cultural doutras literaturas e línguas (a de expressão inglesa, como em todos os países da área capitalista, mas também a portuguesa, entre outras).

Alguns autores mais velhos já começaram a publicar, com predomínio da poesia, no final dos 60 e já nos 70, acolhendo a atmosfera contestatária dos últimos anos do franquismo em que se formaram. São os Alfredo Conde, Lois Diéguez, Darío Xohán Cabana, Xesús Rábade Paredes, etc., que na metade dos 70 ou já nos 80 passam à narrativa (as próprias editoras e o incipiente mercado também o favorecem), à que se incorporam autores inéditos, dando-se por primeira vez uma rica eclosão neste género, até à altura mais carente. Ao tempo, também a poesia se renova a partir dos 70, sem ter parado de incrementar modulações.

Quero indicar ainda, nesta generalização prévia, que antes deste último quarto do século todas as posições quanto à língua compartilharam, em princípio, um alto grau de compromisso político que reconhecia nesse instrumento o melhor meio para manter a identidade. Assim tinha sido durante a resistência ao franquismo, quando o simples facto de escrever em galego, fosse qual fosse a grafia, já era um desafio para o poder central e espanhol. Mas nestas últimas décadas só o reintegracionismo supõe algum modo de desafio, porque o uso do galego oficial não só é politicamente correcto mas está subsidiado e dá para muitas pessoas viverem exclusivamente dele. Durante os últimos 30 anos, o capitalismo de terceira geração também precariamente aqui criou um mercado (escolar) e um campo literário em galego (administrativo), e a maioria dos escritores colocou o seu compromisso apenas em assegurar-se um lugar ao sol neles, e até no espanhol via tradução. Os autores mais velhos abandonaram na sua prática as orientações reintegracionistas que em geral defenderam no plano teórico, salvos os casos de Jenaro Marinho e Carvalho Calero, e os novos, num tempo de suposta democracia, entraram no campo despreocupados pelo passado e pela questão identitária. Se alguma consciência crítica existiu neste sentido, foi ficando arrumada a um canto diante de aspectos que, num presente de enganadora normalidade de mercado, com editoras, prémios literários e recompensas docentes, prometia um futuro igual de feliz (*“Não estou disposto a perder o meu lugar na História da Literatura Galega por causa de uma normativa”*, frase de escritor consagrado).

Durante estes anos só na posição reintegracionista se tem conservado o compromisso aludido, aparecendo organizações de resistência, como a *Associação Galega da Língua* (AGAL), que formula críticas fundadas da norma oficial (*Estudo Crítico das “Normas ortográficas e morfológicas do Idioma Galego”*, 1983), ou elabora instrumentos coerentes para a escrita do

galego dentro do sistema português (*Prontuário Ortográfico Galego*, 1985). Do ponto de vista desta postura, espalhada a grupos de base e a publicações de “vida dificultada” (por isso os até agora 60 números da revista *Agália*, portavoz da AGAL, são altamente meritórios), sente-se a língua própria como signo vital em termos identitários, e vê-se o apoio nos prolongamentos lusos e brásilicos como contributo imprescindível para o reforço e sobrevivência do galego. É que o temor por uma Galiza absolutamente castelhanizada não carece de fundamento, tendo em vista a presença esmagadora dos *mass media* espanhóis, tendo em conta que o galego retrocede, que é respeitado mas não promovido, que se tende para a fase de modalidade folclórica. A posição reintegracionista inspira-se na tradição que aspira a outra fortuna para o galego: a de não ser uma relíquia na vitrina da União Europeia como língua minorizada. É a mesma tradição daqueles intelectuais e instituições que propugnaram o galego como língua da Galiza, e que já antes da ditadura viram claro o único caminho possível a seguir. Uma tradição não completamente apagada.

No outono de 1999 transpareceu de novo um momentâneo debate público, favorável à orientação ortográfica lusista para o galego, em cujas circunstâncias propiciatórias não faltou a voz de vários escritores “oficiais” (entre eles Carlos Casares, também editor e presidente do Conselho da Cultura Galega, que começou por afirmar a necessidade de mudar o código do galego para aproximá-lo ao português). As vozes que se levantaram, brevemente consentidas pelos *media* mas rapidamente silenciadas e proibidas (e escrevo em consciência essas palavras, porque conheço por dentro todo o breve processo), indicaram que este assunto não está fechado, e que a inibição não é absoluta por parte dos escritores. Até porque de várias perspectivas se pode ver com interesse o alargamento do mercado editorial com a mudança ortográfica. No próximo século, se o controlo dos poderes instituídos não for definitivamente estrangulante, deverá haver alguma reforma neste sentido que contribua para salvar o galego e a sua literatura do caminho de espanholização oficial, e portanto de morte, que está tomando.

5. - Voltando agora aos produtores literários, tentaremos entrar neste último quarto de século desde a fase preambular dos 50. No final dessa década repete-se o que nos anos 20 o grupo *Nós* (Vicente Risco, Castelao, Otero Pedrayo) tinha feito: olhar para Europa. É a chamada *Nova Narrativa Galega*, que também procura incorporar à narrativa galega as tendências europeias. São universitários e têm por trás leituras e conhecimentos das técnicas e novos modos narrativos (o monólogo interior, o ponto de vista do narrador objectivo ou câmara, o narrador múltiplo; a ruptura da linearidade narrativa, o emprego de vários planos, a narração acelerada ou comprimida; o espaço impreciso e simbólico, etc.), reiterando nas suas obras a linha existencial, o inconsciente, o

absurdo da vida, a violência, etc. O *nouveau roman* francês, evidente na denominação, influi através dos Robbe-Grillet, Sarraute, Claude Simon, Duras, etc., mas também os mestres da narrativa do século XX, como Kafka, Joyce, Camus, Beckett, Faulkner, Proust, Hemingway, Pavese, Dos Passos. Se algum autor não participa dessas influências é Xosé Neira Vilas (1928), sempre instalado em formas narrativas tradicionais e realistas desde *Memorias dun neno labrego* (1961), e continuando com *Cartas a Lelo* (1971), *Aqueles anos do Moncho* (1977). Todos os demais, em maior ou menor grau, acusam a aludida influência do exterior: Gonzalo R. Mourullo (*Nasce un arbre*, 1954; *Memorias de Tains*, 1956), Camilo Gonsar (*Lonxe de nós e dentro*, 1961; *Como calquer outro día*, 1962; *Cara a Times Square*, 1980), Xohán Casal (*O camiño de abaixo*, 1970), María Xosé Queizán (*A orella no buraco*, 1965), Vicente Vázquez Diéguez (*As ponlas baixas*, 1968), X.L. Méndez Ferrín (*Percival e outras historias*, 1958; *O crepúsculo e as formigas*, 1961; *Arrabaldo do Norte*, 1964), ou Carlos Casares (*Ventoferido*, 1967; *Cambio en tres*, 1969).

A partir daí, os narradores desenvolveram discursos muito particulares, significando-se especialmente dois autores, tanto pelo aspecto qualitativo como pelo quantitativo da sua produção: X.L. Méndez Ferrín, com obra continuada até à actualidade, continuando com *Retorno a Tagen Ata* (1971), *Elipsis e outras sombras* (1974), *Antón e os inocentes* (1976), *Crónica de nós* (1980), *Amor de Artur* (1982), *Arnoia*, *Arnoia* (1985), *Bretaña*, *Esmeraldina* (1987), *Arraianos* (1991), e *No ventre do silencio* (1999). O outro nome significativo é Carlos Casares, autor de *Xoguetes para un tempo prohibido* (1975), *Os escuros soños de Clío* (1979), *Ilustrísima* (1980), *Os mortos daquel verán* (1987), e *Deus sentado nun sillón azul* (1996).

6. - O caso mais curioso é o de Ferrín, cuja centralidade no quadro literário galego delata a anormalidade deste, tal e como tivemos ocasião de examinar num estudo agora no prelo, e cujos fundamentos resumimos agora em três pontos: a) O tipo de valores reconhecidos na obra de Ferrín correspondem, em geral, a umha leitura ideologicamente muito marcada, com frequência identificada com a reivindicação épica e nacional, bem por via da fantasia, bem por via da alegoria política e da violência (valores que não se achariam entre aqueles “supremos da humanidade” numa literatura produzida num contexto social e político de paz e normalidade); b) O engajamento político do autor é levado ao terreno lingüístico, aquele em que o literato devia exhibir um saber superior, e aí o político adopta uma posição inverosímil, atacando, com violência e flagrante desinformação, a escolha ortográfica que politicamente devia coincidir com ele, e afirma uma escolha de sistema de representação da escrita que o próprio autor é incapaz de seguir (os erros e incoerências são de tal volume que fica sem sustentação possível quanto a essa ordem de saber

superior); e c) A posição central de Ferrín no campo literário galego recebe o apoio incontestado de vectores vindos de todas as posições, mesmo daquelas opostas aos “valores” ideológicos reconhecidos na sua obra literária, que contribuem amplamente à sua campanha “nobilitante”, incluindo até o campo espanhol e os seus representantes políticos na Galiza (a centralidade foi visível no recente esforço geral de instituições e partidos da Galiza para pedirem para ele o Nobel, o que sucede imediatamente depois de o campo literário português receber tal distinção).

Já Casares (académico, editor, presidente do Conselho da Cultura, um dos homens com mais poder estratégico no campo da literatura galega, e relacionado, como antes se referiu, com a última polémica mediática quanto à questão da norma escrita), sem os desbordamentos fantásticos de Ferrín, escolhe os cenários mais reconhecíveis das pequenas vilas e aldeias galegas para denunciar repressões e violências, tematicamente recorrente na procura da tolerância, sempre reverenciado pela crítica quanto à capacidade fabuladora.

De entre os escritores reintegracionistas, cabe destacar em primeiro lugar Carvalho Calero (1910-1990), autor, para além de uma ampla obra científica e ensaística, de interessante obra literária. Quanto à prosa, o seu romance *A xente da Barreira* (1950) é o primeiro em galego que se publica na posguerra, reeditado com toda a produção narrativa em 1984 (*Narrativa Completa*, em que se integra um conjunto de obras escritas, quase na totalidade, na primeira metade do século, antes dos 40 anos do autor). A sua última obra, *Scórpio* (1987), escrita já na norma reintegracionista de aproximação ao português, recebeu no ano seguinte, apesar do silenciamento de que foi objecto o autor por parte da oficialidade nos últimos anos de vida, o Prémio espanhol da Crítica. Da mesma geração de Carvalho Calero é o dramaturgo e autor de relatos breves Jenaro Marín del Valle (1909-1999), outro galeguista histórico esquecido pela história oficial (*A Serpe*, 1952; *A Revolta*, 1965; *Acurrados*, 1981; *A Notícia*, 1986; *O assento*, 1986; *O mantido*, 1987; *Home Frouxo*, 1990; *Ramo Cativo*, 1990).

7. - Quanto à poesia, temos um primeiro agrupamento de autores que começa a publicar na década de cinquenta, e que, nascidos nos anos vinte, servem de ponte entre a poesia anterior à guerra de 1936 e os poetas posteriores (Aquilino Iglesia Alvariño, Álvaro Cunqueiro, Celso Emilio Ferreiro, Xosé María Díaz Castro, Miguel González Garcés, María Mariño, Pura Vázquez). Obviamente, a sua produção está marcada pela circunstância sócio-política do país, e a língua empregada é inicialmente o espanhol, passando muito rapidamente ao galego. Temática existencial na obra de Manuel Cuña Novás, Antón Tovar Bobillo, Luz Pozo Garza, se bem nesta evolui para uma temática menos angustiosa nos últimos títulos (*Códice Calixtino*, 1986; *Prometo a flor*

de loto, 1992; *Vida secreta de Rosalía*, 1996). Carvalho Calero, autor de poesia em espanhol já nos anos 20, assina em galego ainda antes da guerra *Vieiros* (1931) e *O silenzo axionllado* (1934); posteriores à contenda, *Anxo de terra* (1950), *Poemas pendurados dun cabelo* (1952) e *Salterio de Fingoy* (1961), obras todas revistas e recolhidas em *Pretérito imperfeito* (1980); e ainda mais recentemente, *Futuro condicional* (1982) e *Cantigas de amigo e outros poemas* (1986), sempre com grande rigor formal e fortes componentes culturalistas. Também reintegracionista, o prestigioso ensaísta e escritor exilado Ernesto Guerra da Cal (1911-1994), é autor de uma obra poética (*Lua de Além-mar*, 1959; *Rio de sonho e tempo*, 1963 -ambos reeditados em 1992) à que pertence ainda um livro inédito, a publicar seguramente no final deste mesmo ano na Galiza.

O segundo agrupamento é o dos autores nascidos na década de 30, ou em inícios da de 40, poetas com obra ampla, individualizada e, quase na totalidade dos casos, em aberto. Manuel María (1930-) seria o autor mais prolífico, irregular e variado, desde a veia existencial (*Muiñeiro de brétemas*, 1950; *Morrendo a cada intre*, 1952; *Advento*, 1954), à da paisagem (*Terra Cha*, 1954), poesia social (*Documentos persoais*, 1958), e até intimista e elegíaca. Uxío Novoneyra, recentemente desaparecido, é autor de uma obra reduzida mas de peculiar ligação telúrica à sua terra natal, e por extensão comprometida com o País (destacamos *Elexías do Caurel e outros poemas*, 1966). Xohana Torres é outro nome obrigado deste período, autora de poesia rigorosa no formal e simbólica no temático, que varia dos mitos clássicos para a angústia e a passagem do tempo, da preocupação por Galiza à condição feminina (*Do sulco*, 1959; *Estacións ao mar*, 1980). Bernardino Graña, para além do existencialismo do seu primeiro livro (*Poema do home que quixo vivir*, 1958), temática na que vem coincidir com os colegas de geração, ou para além dos tributos e agradecimentos pessoais do último (*Luz de novembro*, 1997), poderia ser considerado o poeta do mar e da sua gente, incluídas reflexões íntimas que daí se podem derivar (*Profecía do mar*, 1966; *Non vexo Vigo nin Cangas*, 1975; *Se o noso amor e os peixes Sar arriba andasen*, 1980; *Sima-Cima do voar do tolo*, 1984; *Himno verde*, 1992). Manuel Álvarez Torneiro, com domínio formal e culturalismo que o aproxima de Carvalho Calero, só publica em época recente, mas pertence também a esta geração: *Memoria dun silencio* (1982), *Fértil corpo de sonho* (1986), *Restauración dos días* (1986), *As voces consagradas* (1992), *As doazóns do incendio* (1993), *Rigurosamente humano* (1994) e *Habitante único* (1997). Salvador García-Bodaño é autor de uma obra unitária, rica em ritmos e atenta à memória e ao tema amoroso nos conteúdos (*Ao pé de cada hora*, 1967; *Tempo de Compostela*, 1979; *Obra poética*, 1993, que recolhe os anteriores e acrescenta *As palabras e os días* e *Poemas de amor*

a *Xulia*). Antón Avilés de Taramancos, desaparecido em princípios dos 90, representa uma voz peculiar e profunda, vital e sensual, marcada pela emigração em Colúmbia: no regresso reúne os seus dois livros dos 50 (*As moradias do vento*, 1955; *A fruta e o garmelo*, 1959) com a obra inédita -*Poemas a Fina Barrios, Poemas soltos a Maricarme Pereira e Os poemas da ausencia (1961-1981)*- no volume *O tempo canta no espello* (1982), a que seguem *Cantos caucanos* (1985), *As torres no ar* (1989) e *Última fuxida a Harar* (1992). Existencialismo e saudade introspectiva na obra de Xosé Luís Franco Grande (*Entre o si e o non*, 1967, depois recolhido em *Herdo de memoria e tempo*, 1987, com toda a sua obra inédita). Arcadio López Casanova, outra passagem obrigada, representa na poesia galega desta geração o controlo estilístico e a visão desenganada do ser humano (*Sonetos da esperanza presentida*, 1965; *Palabra de honor*, 1967; *Memoria dunha edá*, 1976; *Mesteres*, 1976; *Liturxia do corpo*, 1983; *Noite do degaro*, 1994).

Finalmente, e do mesmo modo que acontecia na narrativa, a obra de Xosé Luís Méndez Ferrín ocupa o centro do campo poético destes anos. O seu livro inicial é de teor existencial, em coincidência com os seus pares, mas já aparecem aí os elementos míticos e a visão reivindicativamente épica da Galiza, sempre presentes na progressão posterior: *Voce na néboa*, 1957; *Antoloxía popular de Heriberto Bens*, 1972; *Con pólvora e magnolias*, 1976; *Poesía enteira de Heriberto Bens*, 1980; *O fin dun canto*, 1982; *Erótika*, 1991; *Estirpe*, 1994. Para além dos ingredientes de compromisso cultural e político na sua obra, ou talvez pela presença deles, Ferrín vai ser um referente para a renovação da poesia galega posterior.

8. - No final dos 70 e inícios dos 80 aparecem rumos diferentes e novos autores. São os nascidos na década de 40 e 50, que nessa altura começam a publicar, amparados nas condições propícias de abertura política e mercado incipiente, e que hoje são escritores “consagrados”. No campo narrativo, a demanda escolar e a criação de prémios literários para o romance (Prémio Eduardo Blanco-Amor, 1981; Prémio Xerais, 1984), estimulam económica e moralmente a produção em normativa oficial (só em princípios dos 90 o Prémio Carvalho Calero de narrativa breve, de entre os muitos que já existem na Galiza, apareceu no panorama galego não reprimindo a norma ortográfica utilizada pelo autor). O reconhecimento social e mediático também contribuem a criar um novo clima de aparente normalidade literária.

O elenco de autores é mais dilatado e teremos que necessariamente deixar algum fora (e diminuir ainda os matizes a caracterizá-los). Começemos por Paco Martín, que desde o início mistura a fantasia com a realidade (*Muxicas nos espello*, relatos, 1971; *No cadeixo*, 1976; *E agora cun ceo de lama*, 1981; *Das cousas de Ramón Lamote*, 1986, Prémio Nacional de Literatura Infantil e

Juvenil; *Dende a muralla*, 1990; *Historias para ler á noite*, 1992). Alfredo Conde, de larga projecção mediática, nomeadamente por *Xa vai o grifón no vento*, 1984, Prémio Nacional de Literatura, é autor prolífico e de esquema narrativo pouco variável que foi progressivamente perdendo o favor do público, embora conserve o da crítica (*Contubernio catro de Tomés*, 1978; *Come e bebe que o barco é do amo*, 1978; *Breixo*, 1981; *Memoria de Noa*, 1982; os relatos *Música sacra*, 1990, e *A Casa de Adara*, 1996; e o romance *Sempre me matan*, 1995). Xosé Manuel Martínez Oca reincide na revisitação dos cenários da memória para chocar com o presente (*Un ano e un día*, 1980; *A fuxida*, 1980; *A chamada escura dos cavorcos*, 1981), recria a vida de uma vila galega (*Beiramar*, 1983, Prémio Blanco-Amor), ou experimenta o género de aventuras (*As florestas de Mañuema*, 1988; *Náufragos en terra*, 1994). Xavier Alcalá, com uma escolha de cenários muito plural (mas com um fio condutor comum de reflexão acerca do País), é dos narradores mais prolíficos deste período, e algumas das suas obras foram incesantemente lidas nos centros de ensino: *A nosa cinza*, 1980, o romance-crónica de uma geração; *Fábula*, 1980, o romance-crónica da Galiza de pós-guerra; *Nos pagos de Huinca Loo*, 1982, o romance de ambiente sudamericano; *Tertulia*, 1985, o romance de aventuras e de sátira literaria; *Código morse*, 1996, o romance do mundo dos “paços” e da sua desapareição. Carlos G. Reigosa publicou relatos de ambiente rural (*Homes de tras da Corda*, 1982; *As pucharcas da lembranza*, 1986), mas notabilizou-se pela inauguração do policial em galego (*Crime en Compostela*, 1984; *O misterio do barco perdido*, 1988), que rapidamente, e ao calor da demanda escolar, vai ter outros cultores (nomeadamente os contributos quase simultâneos de três poetas: *As regras do xogo*, 1990, de Ramiro Fonte; *O crime da rúa da Moeda Vella*, 1990, de Román Raña Lama; *Barato, barato*, 1991, de Manuel Forcadela). Víctor F. Freixanes, desde o seu denso e extenso *O triángulo inscrito na circunferencia* (1982), ganhou lugar de destaque, que manteve nas duas publicações seguintes (*O enxoval da noiva*, 1988; *A Cidade dos Césares*, 1993).

De entre os novos e vários narradores que passam a ocupar o centro do campo narrativo desde fins dos 80 e já nos 90, seguramente teríamos que ficar com Darío Xohán Cabana, Manuel Rivas e Suso de Toro, acrescentando-se o factor de que estes dois últimos encontram saída internacional via espanhol e via tradução a outros idiomas.

Na obra de Darío Xohán Cabana dá-se a diversidade temática, já artúrica e da matéria de Bretanha, já de intencionalidade política e reivindicativa para Galiza (*Galván en Saor*, 1989, Prémio Xerais; *Fortunato de Trasmundi*, 1990; *O libro dos moradores*, 1990; *Vidas senlleiras*, 1992; *Cándido Branco e o Cabaleiro negro*, 1992; *O cervo na torre*, 1994; *Morte de Rei*, 1995). Suso de

Toro talvez represente a mais clara ruptura na actual narrativa galega “consagrada”, usando de um estilo ligado à oralidade e armado de uma ironia crítica que aplica ao panorama do País examinado desde as suas histórias, sempre aproximando-se à realidade social e política sem a inconsciência de esquecer o passado (*Caixón desastre*, 1983; *Polaroid*, 1986; *Land Rover*, 1988; *Ambulancia*, 1990; *Tic-Tac*, 1993; *A sombra cazadora*, 1994; *Calzados Lola*, 1997; *Non volvas*, 2000). Manuel Rivas, projectado como jornalista a partir de Madrid e do sistema cultural espanhol, é o escritor galego mais “internacional”, sendo característico da sua escrita o humor e a ironia, e tendo tratado desde o mundo do futebol até o conflito rural/urbano, o choque do moderno com o ancestral (*Todo ben*, 1986; *Un millón de vacas*, 1990; *Os comedores de patacas*, 1991; *En selvaxe compañía*, 1994; *¿Que me queres, amor?*, 1995, Prémio Nacional de Narrativa).

A narrativa irreverente no uso ortográfico (só a edição em norma oficial é subsidiada), limitada pela escassa saída editorial e pela ausência de qualquer estímulo social ou económico (antes pelo contrário reprimida de diversos modos), não deixou contudo de produzir algumas obras de autores como João Guisan Seixas (*Origem Certa do Farol de Alexandria*, 1983), Henrique Rabunhal, Martinho Montero Santalha, Joel R. Gomez (*Quando o sol arde na noite*, 1990), Henrique da Costa (*Mar para todo o sempre*, 1992; *Sobre comboios, janelas e outras histórias*, 1995), Carlos Quiroga (*Periferias*, 2000).

9. - Quanto à poesia galega última, o ponto de referência geracional prolonga-se desde a década de 80 à de 90, em que o protagonismo dos que começaram a publicar naquela é compartilhado com outros escritores mais novos cuja estreia se dá nesta. O ponto de partida fora a poesia social, crítica e comprometida por causa da situação política, que vigorara esgotando-se e empobrecendo-se durante os 60 e boa parte dos 70, e que agora muda de registo, ao calor das mudanças políticas que se aproximam, tal e como delatam os manifestos e proclamas (*Rompente*, 1976; *Cravo fondo*, 1977). Para além do novo ambiente, existem revistas que servem de ponto de apoio (*Grial*, *Nordés*, *Coordenadas*, *Dorna*), e prémios literários (Esquíó, Cidade de Santiago, Cidade de Ourense, Celso Emilio Ferreiro em Vigo, a que se acrescentam os Prémios de Crítica em Galiza e os da Asociación Española de Críticos Literarios). A maioria dos poetas dos 80 passaram por estes prémios: Manuel Rivas, Vítor Vaqueiro, Pilar Pallarés, Miguel Anxo Fernán-Vello, Lois Pereiro, Eusebio Lorenzo Baleirón, Román Raña, Paulino Vázquez, Cesáreo Sánchez Iglesias, Xulio L. Valcárcel, Ana Romaní, Antonio Rodríguez, Chus Pato, Darío Xohán Cabana, Xesús Rábade Paredes, Xavier R. Barrios, Xavier R. Baixeras, X. M. Álvarez Cáccamo, Luís González Tosar, Alfonso Pexegueiro, Anxo Quintela, Xosé Manuel Valcárcel, Manuel Forcadela, Millán Picouto, Vicente Araguas,

Manuel Vilanova, Ramiro Fonte, Claudio Rodríguez Fer, Xoán Manuel Casado, Antón Reixa, Xavier Seoane, Gonzalo Navaza.

A variedade de registos e de poéticas nos 80 é, logicamente, grande, podendo estabelecer-se, para além do ecletismo geral que acontece em todas as áreas dos países ocidentais, algumas breves linhas de continuidade temática e formalização comum no caso galego: no temático, a nova riqueza culturalista (que já estava em obras particulares, como a de Carvalho Calero), e não apenas no terreno literário e das leituras, mas ainda num espectro mais amplo da arte, e que corresponde à formação que agora têm os poetas dos 80; e no formal, o novo cuidado em ritmos, metros, estruturas globais, a própria preocupação pelo léxico e pela língua em geral, que corresponde já ao estudo e à prática monolíngüe em galego (muitos dos autores são também professores de galego). Os assuntos universais do amor, do tempo, da morte, da natureza, da própria escrita, acham agora plural tratamento desde uma óptica galega mais madura e informada quanto ao exterior e quanto ao interior.

Não deixa de haver também no terreno da poesia, muito mais que na narrativa, a óptica reintegracionista, embora não exista nenhum prémio literário que consinta afastar-se da norma chamada oficial. Podemos mencionar, ainda com o risco de esquecer alguns nomes, os de José M^a Monterroso Devesa, Angelo Brea (*Livro do Caminho*, 1989), Iolanda Aldrei (*A palavra no ar*, 1990), Carlos Penela (*As Linhages do Frio*, 1998), Paula S. Vicente (*Gatos a lápis sem ponta*, 1998), Carlos Quiroga (*G.O.N.G.*, 1999), João Valeiro, José António Lozano, L. Maças, Mário J. Herrero Valeiro, Pedro-Milhám Casteleiro, Táci Mancebo, Alfredo Ferreiro, etc.

10. - Estamos seguros de que a paisagem não é de todo completa. Queríamos colocar em paralelo a história dos textos para teatro e o papel das revistas literárias, mas vemo-nos ultrapassados pela complexidade que tomaria o tratamento destas vertentes e pela falta de espaço. Já sem esses aspectos fica ainda em precário o terreno examinado. Não só porque faltem favas. Falta também mais avaliação das qualidades das que aqui se mencionam. E nomeadamente, para além da aromática consciência da fava-de-bolacha, da inevitável presença odorífera da fava-da-índia, da fava-de-cheiro, dessas com flores perfumadas que constam em todos os mapas oficiais de favas que circulam por dentro e para fora da Galiza, queríamos meter mais fava-brava, mais fava-de-calabar (as de flores vermelho-purpúreas com veias amareladas, as que têm um princípio activo tóxico) em contraste com as outras, bem patentes e ornamentais nos manuais, mais disso que oficialmente não existe ou simplesmente é “mandado à fava”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO GIRGADO, L. *Antoloxía do conto galego. Século XX*, Editonal Galaxia, Vigo, 1989.
_____. *O relato breve. Escolma dunha década (1980-1990)*, Editorial Galaxia, Vigo, 1990.
- ÁLVAREZ CÁCCAMO, X. M. "As revistas culturais e literarias de 1975 a 1985", in *Grial* 89, Vigo, 1985, pp. 340-353.
_____. *50 anos de poesía galega (vol. I, A xeración do 36)*, Editorial Penta, A Coruña, 1994.
- BLANCO, C. "A espiral permanente: Aproximación á figura literaria de X. L. Méndez Ferrín", *Anuario de Estudios Literarios Galegos-1993*, Galaxia, Vigo, 1994, pp. 11-45.
_____. *Literatura galega da muller*, Edicións Xerais de Galicia, Vigo, 1991.
- CAPELÁN, A. "Lectura a contraño de *A nova narrativa galega* de María Camino Noia", in *Boletín Galego de Literatura*, 8, Santiago de Compostela, 1992, pp. 61-77.
- FORCADELA, M. *Manual e escolma da Nova Narrativa Galega*, Sotelo Blanco Edicións, Santiago de Compostela, 1993.
- GONZÁLEZ-MILLÁN, X. *A narrativa galega actual (1975-1984)*, Edicións Xerais de Galicia, Vigo, 1996.
_____. *Literatura e sociedade en Galicia (1975-1990)*, Edicións Xerais de Galicia, Vigo, 1994.
- LÓPEZ BERNÁRDEZ, C. *50 anos de poesía galega (vol. II, A xeración dos 50. A xeración dos 80)*, Editorial Penta, A Coruña, 1994.
- LOSADA CASTRO, B. *Poetas gallegos de postguerra*, Ocnos, Barcelona, 1971.
- MATO FONDO, M. *A mazá e a cinza*, Edicións do Cumio, Pontevedra, 1991.
- MÉNDEZ FERRÍN, X. L. *De Pondal a Novoneyra*, Edicións Xerais de Galicia, Vigo, 1984.
- MONTEAGUDO ROMERO, H. "Dez anos de poesía galega", in *Grial*, 89, Vigo, 1995, pp. 268-297.
- NOIA CAMPOS, M. C. *A Nova Narrativa Galega*, Editonal Galaxia, Vigo, 1992.
- QUEIZÁN, M. X. "A Nova Narrativa ou a loita contra o sentimentalismo", in *Grial*, 63, Vigo, 1979, pp. 67-80.
- QUIROGA, C. "Acerca do conxunto narrativo de R. Carvalho Calero (parábola geométrica)", in *Actas do III CONGRESSO INTERNACIONAL DA LÍNGUA GALEGO-PORTUGUESA NA GALIZA*, AGAL, A Coruña, 1992, pp. 593-608.
_____. C. "Da anormalidade do Campo Literário Galego e da centralidade de Ferrín", in *Estudos dedicados ao Professor Ricardo Carvalho Calero*, Parlamento de Galicia-Universidade de Santiago, 2000 (no prelo).
- RODRÍGUEZ FER, C. "Mito e historia na poesía de Carvalho Calero", in *Agália* 11, 1987, pp. 293-319.

- _____. "Panorama da poesía galega", in W.AA. *La poesía nueva en el mundo hispánico*, Visor Libros, Madrid, 1994, pp. 55-64.
- _____. *Poesía galega*, Edicións Xerais de Galicia, Vigo, 1989, pp. 249-274.
- RODRÍGUEZ, L. "Poesía y Narrativa Gallegas, proceso de diálogo", in *Foro Hispánico* 14, Amsterdam-Atlanta, GA 1998, pp. 45-59.
- _____. *Desde a palabra, doce voces. Nova poesía galega*, Sotelo Blanco Edicions, Barcelona, 1986.
- TARRÍO VARELA, A. *Literatura Galega. Aportacións a unha Historia crítica*, Edicións Xerais de Galicia, Vigo, 1994.
- VILAVEDRA, D. (Coord.) *Diccionario da Literatura Galega. Vol.I. Autores*, Editonal Galaxia, Vigo, 1995.
- VV.AA. "Dossier: Galicia, tierra de letras", in *Quimera* 158-159, 1997, pp. 37-132.